

## O COLECIONISMO E A SOBREVIVÊNCIA DO *HOMO SAPIENS*

*Cecilia Volkmer Ribeiro\**

### RESUMO

Apesar do *Homo sapiens* ser mais uma, de uma miríade de espécies zoológicas, ela difere de todas as demais pelo notável tamanho e estrutura de seu cérebro. Um tal aparato físico possibilitou a essa espécie desenvolver uma incrível curiosidade, uma memória ímpar e a aptidão de instigar percepções de caráter prático. Esse inaudito complexo anatômico-fisiológico evoluiu dentro dos parâmetros de ecossistemas em escalas regionais durante centenas de gerações e nas últimas 10-15 gerações (200-300 anos) imiscuiu-se com mudanças profundas em todos os níveis de hierarquia ecológica, de paisagens e ecossistemas à instância da biosfera global. As maneiras pelas quais as múltiplas populações do *Homo sapiens* distribuíram-se e ocuparam o planeta, desenvolvendo novas especializações gênicas e culturais, tanto por restrições de isolamento quanto por meio de miscigenações, gerou o complexo perfil de diversidade atual dessa espécie. O estudo dessa história biocultural particular é retratado por artefatos e espécimes de todo tipo, abrigados em centenas de Museus, Academias e Bibliotecas. Esses materiais testemunham aspectos da sobrevivência da espécie e, particularmente sua habilidade de colecionar, investigar e assim salvar do esquecimento testemunhos (memórias) que, de uma ou outra maneira, contribuíram para essa sobrevivência. Inconsciente ou conscientemente essa rede de materiais, sistematicamente coligidos e preservados, atua como um suporte/expansão da memória humana, ultimamente potencializada, de maneira dramática, por novos métodos e equipamentos para a rápida recuperação e disseminação de informação digital.

**Palavras-chave:** Espécie humana; evolução; memória; colecionismo; sobrevivência.

\* Museu de Ciências Naturais, Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul. Pesquisadora Bolsista do CNPq. E-mail: cvolkmer@fzb.rs.gov.br

## COLLECTIONISM AND THE SURVIVAL OF THE *HOMO SAPIENS*

Although *Homo sapiens* is one of a myriad of animal species it differs from all others by its outstanding brain size and structure. Such a physical apparatus has enabled this species to exercise an amazing curiosity with unparalleled memory and the capacity to instigate practical insight. This remarkable anatomical-physiological complex has evolved within the context of ecosystems at regional scales for hundreds of generations, and in the past 10-15 generations (200-300 years), has become intertwined with profound changes at every level of the ecological hierarchy, from landscapes and ecosystems to the level of the whole biosphere. The ways in which the many populations of *Homo sapiens* have spread and occupied the earth, evolving new genetic and cultural specializations in isolation and by mixing, has generated the complex extant diversity profile of this species. The study of this particular bio-cultural history is portrayed by artifacts and specimens of all sorts housed in thousands of Museums, Academies and Libraries and which witness to aspects of the species survival and particularly to its ability to collect, investigate and thus spare from oblivion matters which, in one or another way, contributed to its survival. Unconscious or consciously this network of materials, systematically collected and preserved came to work as a support/expansion of the human memory, lately dramatically enlarged by methods and new equipments for rapid archival and dissemination of digital information.

**Key words:** *Homo sapiens*; evolution; memory; collectioning; survival.

---

*To be or not to be...  
Nothing but a question of memory...  
It's good that I remember of me...  
Though not as right as it should be!  
And that's why I am not today,  
The thinking being I was yesterday...  
Neanderthal (was the name...)  
Anônimo.*

## O PRESSUPOSTO ZOOLOGICO – DAS ESPONJAS AO HOMEM

O *Homo sapiens*, dentro de um contexto estritamente zoológico, é apenas mais uma espécie do reino animal e não a que fecha o ciclo evolutivo de excelência biológica do planeta, como ele mesmo se coloca. As pesquisas atuais na área da Biologia Molecular estão indicando uma linhagem filética ligando,

num sentido amplo, as esponjas ao homem (Müller, 2001). É claro que esse pressuposto, de amplo espectro cogitativo, nos está servindo aqui como um mero sinalizador das raízes que nos prendem ao reino animal, dentro justamente, das conotações mais primitivas, biológicas e instintivas que, como espécie sapiente, evitamos considerar.

No momento em que desenvolvemos tecnologias de recuperações de partes da nossa estrutura viva, com base em células indiferenciadas, totipotentes, estamos de fato contemplando partes do nosso sistema biológico em tudo semelhantes ao das esponjas. Mas reportamo-nos, sobretudo, a um sistema de sinalização de ações biológicas em nível molecular, que implica uma matriz, à base de códigos impressos ou seja, *memorizados*, pelos sistemas mais primitivos de vida. E assim, num salto imenso, dos primórdios até nós, chegamos ao fator *memória*.

Mas, aqui chegados, com essa retrospectiva biológico-evolucionista, constatamos que não somos os primeiros. No século XIX, Ewald Hering (em Cassirer, 1994) já colocava a proposta de considerar-se a memória como uma função geral de toda matéria viva, não pertinente exclusivamente à fenomenologia da vida consciente, mas inerente ao domínio da natureza que se multiplica.

Cassirer (1994, p. 86, 88) porém reconhece de imediato o fenômeno mnemônico humano como “um processo de reconhecimento e identificação, um processo ideacional de tipo muito complexo”... que “...implica um processo criativo e reconstrutivo. Não basta recolher dados isolados de nossa experiência passada, devemos realmente re-colhê-los, organizá-los, sintetizá-los e reuni-los em um foco de pensamento. É esse tipo de lembrança que nos proporciona a forma humana característica da memória e que levou a estruturação de narrativas, histórias e tradições. Progredindo no seu raciocínio propõe definir o Homem como um *animal symbolicum* em vez de *animal rationale*, dada a linguagem emocional, que existe colada à linguagem conceitual na espécie humana.

“O que perturba e assusta o homem”, disse Epíteto, “não são as coisas, mas suas opiniões e fantasias sobre as coisas” (Cassirer, 1994, p. 49).

[...]

A memória simbólica é o processo pelo qual o homem não só repete sua experiência passada, mas também reconstrói essa experiência... Até aqui levamos em consideração apenas um aspecto do tempo – a relação do presente com o passado. Mas há outro aspecto que parece ainda mais característico e importante para a estrutura da vida humana. Isso é o que poderia ser chamado de terceira dimensão do tempo, a dimensão do futuro (Cassirer, 1994, p. 91).

E é neste temer-memorizar-interpretar que chegamos a colocações de outro eminente estudioso do conhecimento produzido pela espécie humana, ao considerar as ciências como distintas formações discursivas, já sedimentadas na memória comum e base da construção de um contínuo em evolução.

O perigo, em suma, é que, em lugar de dar fundamento ao que já existe, em lugar de reforçar com traços cheios linhas esboçadas, em lugar de nos tranquilizarmos com esse retorno e essa confirmação final, em lugar de completar esse círculo feliz que anuncia, finalmente, após mil ardis e igual número de incertezas, que tudo se salvou, sejamos obrigados a continuar fora das paisagens familiares, longe das garantias a que estamos habituados, em um terreno ainda não esquadrihado e na direção de um final que não é fácil prever (Foucault, 2004).

Voltando a Cassirer, a dimensão do futuro, em que a memória lança as experiências do passado, é a que insere o elemento previsão e, sobretudo, desenvolvimento na trajetória do homem.

O próprio homem aparece então como criador de “mil ardis” que lhe garantem a tranquilidade de sentir-se pisando em chão firme, concretizado em períodos de tempo suficientes para desenvolvimento de novas interpretações e estabelecimento de novos focos de luz, sem derrubada de pedras já colocadas.

E um desses ardis consiste certamente na amarração (memória) de percepções subjetivas a objetos físicos que adquirem valores simbólicos temporais, mais ou menos duradouros, daquelas percepções.

Inauguramos então na escala zoológica o colecionismo, do individual ao coletivo, do diletante ao científico. Criamos uma teia apoiada em dispositivos físicos, que ampliam as possibilidades de memória e de retrabalhamentos de nossas experiências, fantasias e opiniões. E, havendo atingido a plena consciência da utilidade dessa teia, continuamos progredindo na sua expansão, agora já com uma ciência cibernética da memória, sem nos desligarmos, porém, dos dispositivos, já testados e aprovados, do colecionismo.

### **A ESPÉCIE QUE SOFRE, APREENDE E GUARDA**

Existem no processo histórico do desenvolvimento humano inferências inúmeras que evidenciam o aprendizado de novas técnicas/comportamentos e correções de percurso, ligados ao sofrimento e à morte física, causados tanto por fatores naturais (vulcões, maremotos, terremotos, escassez de recursos naturais em certas áreas) quanto provocadas pelo próprio homem (guerras, epidemias, sanções de toda ordem). Talvez a maçã caindo na cabeça de Newton,

apesar de fato ocorrido, consista numa metáfora propícia desse padrão de reação para nossos tempos. E a cada nova invenção/improvisação bem-sucedida foram de imediato armazenados, não somente na memória, mas, por temor de perder a lembrança do fato, os próprios objetos delas resultantes, instituídos como símbolos ou transfigurados em símbolos. Esse sobrepujar a desgraça refletiu sempre, na verdade, o comportamento instintivo de sobrevivência do homem, atualmente denominado de prático ou aplicado. E o sucesso certamente foi garantido, refletido-se em explosão demográfica, que já preocupou os cérebros calculistas da economia global.

O colecionamento de sobrevivência praticado pelo homem talvez tenha iniciado com o que hoje qualificamos de desejo e poder aquisitivo, com que se muniu a espécie de muito mais dispositivos que o necessário à sobrevivência de indivíduos e grupos, esses familiares de primeira instância. E esse guardar-para-prover teve início, certamente, com coleções de pedras lascadas feitas por grupos nômades ou expulsos de sua área original para áreas onde cogitaram que talvez não existissem as rochas propícias, o processo tendo seguimento evolutivo com cerâmicas, peças metálicas, joalheria, cunhagem de moedas e esculturas de divindades protetoras. Chegados aos lugares e tempos de fartura, novos objetos foram por sua vez produzidos, enquanto os pertences antigos e superados passaram a ser esquecidos ou relegados a um segundo plano ou sítios, como faz hoje essa espécie, com tantas coisas que ao fim descarta, de sapatos e vestes a quadros, jóias, carros e até recintos. Cabe também a lembrança das muitas tumbas e urnas funerárias que revelam o temor da perda desses bens e a precaução da chegada do morto, devidamente provido, a novas vidas.

### **A ESPÉCIE QUE POTENCIALIZA A SOBERANIA CULTURAL CALCADA NO COLECIONISMO**

A colocação pela História, da escalada da evolução cultural dos grupos humanos como partindo do nomadismo em direção ao sedentarismo, não parece ter contemplado a soma das duas habilidades adquiridas, que culminou com as expedições exploratórias, certamente empreendidas em pequena escala, já nos albores do sedentarismo. Hoje assistimos, ainda pasmos, a naves espaciais buscarem outros planetas, como pasmados estavam os europeus com os navegadores enviados pelas realidades vigentes ao oriente incógnito no século XIV. Nem se cogita neste momento das infindáveis campanhas bélicas e dos botins praticados sobre os bens culturais e riquezas de todo tipo, expostas já nas entradas triunfais dos conquistadores em suas pátrias de origem e após, objeto de estudos dos sábios da terra.

Consideramos apenas todas as expedições feitas do século XIV em diante, tendo como um propósito explícito o colecionamento de novos objetos e informações, alimentadores de novos conhecimentos. Os Museus de História Natural, de História, de Arqueologia, os Jardins Botânicos tiveram suas raízes cravadas nesse período, prestigiando o acúmulo preservado, organizado, proposital, de todo tipo de evidência material portadora de conhecimentos futuros. Ainda e sempre, iluminados esses propósitos por aquela curiosidade inerente à espécie de acumular (agora conhecimento) para prover.

Ao lermos os relatos de Darwin (1859) e de Saint Hilaire (1974), para não listarmos aqui um número imenso de pesquisadores de todas as áreas, dos séculos XVII, XVIII e XIX, sem nem considerarmos os atuais, que dão continuidade às mesmas práticas, percebemos o quanto as coleções então feitas e, em seguida estudadas, renderam em novas propostas e conhecimentos, de imediato aplicados em distintas áreas, particularmente no domínio médico (Palacios et al., 1993). A medicina, para não falar de ciências que estavam então nos seus primórdios de reconhecimento como tal (Foucault, 1997), como a agronomia e a veterinária, apoiava-se, então, em conhecimento botânico, zoológico e mineralógico. E os contingentes populacionais mais cientificamente avançados da espécie deram-se conta que não só a cultura militar, mas, sobretudo, a científica, oferecia condições de liderança e domínio, uma vez que possibilitava garantias maiores de sobrevivência, não só física, como cultural. E essa cultura científica não prescindia do colecionismo e das renovadas leituras que os objetos colecionados proporcionavam.

### **A ESPÉCIE QUE SE QUESTIONA: GRÉCIA**

Sócrates não quis escrever e, se não fosse por Platão, seu discípulo, talvez não tivéssemos nos transformado, de uma espécie cerebral confiante e extremamente resistente a mudanças, em uma espécie questionante, que percebe seus propósitos simbólicos de conhecimento e a vantagem de revê-los, conforme se dispõem os tempos e as criaturas. Percebia tão nitidamente a instabilidade dos símbolos, colados aos objetos pela mente humana que, sendo coerente consigo mesmo, não se ateu sequer à permanência da palavra escrita. Talvez, seguindo nessa esteira, Platão tenha privilegiado “a idéia” e jogado para longe da simbologia mutante dos objetos e textos a atividade cerebral do homem, que se descortinava então já como a mola mestra do desenvolvimento humano.

Coube a Aristóteles trazer de volta aos cinco sentidos a posse e o desfrute da materialidade terrena, devolvendo a Prometeu seu fígado e a Zeus sua glória. Mas neste jogo de vai-e-vem, em que deslisou o “conhece-te a ti mesmo”, a

Filosofia grega (Oliveira, 2003) passou a regular e instigar a educação ocidental, tornando as releituras de todo conhecimento uma prática obrigatória, inerente a todo procedimento científico e cautelar de sobrevivência da espécie, representada mormente pelos seus contingentes ocidentais. Todos os objetos até então colecionados pelo *Homo sp*, em cada presente e em cada passado, passaram a ser suporte de novas teias de memória, de novas simbologias, acrescidas às anteriores, balizando e cronometrando a história de sua evolução.

### A ESPÉCIE QUE TESTA E RETRABALHA SEU SABER

Dois exemplos ilustram muito bem como as simbologias e valores, já atribuídos aos objetos colecionados e sacralizados, vêm sendo revisados e atualizados, numa faina incessante de progressão de rearranjos das memórias instituídas.

Ginzburg (2003, p. 143) ao falar de “sinais” e das “raízes de um paradigma indiciário” abre seu texto dizendo: “Deus está no particular” citando A. Warburg e “Um objeto que fala da perda, da destruição, do desaparecimento de objetos. Não fala de si. Fala de outros. Incluirá também a eles?” ...citando J. Johns. Mais adiante, na mesma página:

Nestas páginas tentarei mostrar como, por volta do final do século XIX, emergiu silenciosamente, no âmbito das ciências humanas um modelo epistemológico (caso se prefira, um paradigma) ao qual até agora não se prestou suficiente atenção. A análise desse paradigma, amplamente operante de fato, ainda que não teorizado explicitamente, talvez possa ajudar a sair dos incômodos da contraposição entre “racionalismo” e “irracionalismo”.

Então nos relata o autor a proposta, aparecida entre 1874 e 76, no *Zeitschrift für bildende Kunst*, por um tal de Ivan Lermolieff, de um novo método para atribuição de autoria de quadros antigos que, de imediato, suscitou um “frisson” de manifestações e repúdios entre os historiadores da arte. O pretense autor, após provar a validade do método, despiu sua condição de dupla máscara que empunhara, como autor e como tradutor para o alemão da proposta publicada. Tratava-se do italiano Giovanni Morelli que, para distinguir as cópias dos originais de quadros famosos em Museus, propôs que fossem examinados os permenores geralmente negligenciados e menos característicos da escola à qual o pintor pertencia, como por exemplo, a maneira de o pintor representar os lóbulos das orelhas, as unhas, as formas dos dedos das mãos e dos pés. Assim, Morelli estudou e catalogou as formas das orelhas, entre outras

as pintadas por Boticelli e descobriu os traços presentes nos originais, mas não nas cópias, chegando à correção de dezenas de atribuições em diversos museus da Europa. O método “indiciário” de Morelli foi mais tarde comparado por Freud à técnica da psicanálise médica, que utiliza os elementos menos flagrantes como reveladores de indícios concretos e ocultos. Destaque-se que Morelli era médico.

A proposta de Morelli, ignoramos se voluntária ou involuntariamente, aparece novamente quando Hennig (1966) lança sua Sistemática Filogenética, método que visa a reduzir o contexto artificial nas classificações biológicas e que se apóia nas “novidades” ou apomorfias evolutivas apresentadas por cada grupo, e somente por ele, não importando se a categoria tratada seja de grau mais ou menos elevado (espécie, gênero, família ou ordem).

Ambas as propostas vieram a ocasionar uma releitura ímpar de coleções inteiras de Arte e de História Natural, suscitando novas proposições interpretativas e científicas nessas áreas e renovadas valorizações (até mesmo financeiras) dos espécimes suportes da memória instituída e agora reformulada, mas ainda e novamente suportes.

### **UMA DAS ÚLTIMAS RELEITURAS EM MUSEUS E COLEÇÕES**

O Primeiro Congresso Mundial sobre Preservação e Conservação de Coleções de História Natural foi realizado nas dependências do Museo Nacional de Ciencias Naturales, Madrid, Espanha, entre 10 e 15 de maio de 1992. Esse evento, ocorrido após (e talvez propositadamente...) a ECO-92, no Rio de Janeiro (quando foi lançada a Agenda 21 de mapeamento da Biosfera) alcançou, nas palavras de seu presidente, três resultados significativos:

El primero ha sido crear un foro de contacto y comunicación para poder atender la gran preocupación internacional por las colecciones de historia natural, tanto a nivel de los profesionales como de las sociedades e instituciones... El segundo logro es haber puesto de relieve que nuestro conocimiento y comprensión actuales sobre la preservación y conservación pueden ayudar a resolver muchos de los problemas importantes que afectan actualmente a las colecciones en la mayoría de las instituciones... El tercer logro... es que se ha puesto de relieve la importancia de las colecciones, de la sistemática y la necesidad de taxónomos... Muy poco conocida era, hasta el momento, para la sociedad, la gran riqueza de funciones decisiva que han venido jugando las colecciones y la sistemática y que han perfilado los campos de la ciencia y tecnología (Palacios, 1992).

Na verdade, a “grande preocupação internacional” pelo resguardo das coleções de história natural e do levantamento da biodiversidade global provinha dos países desenvolvidos, nos quais o desenvolvimento da engenharia genética já havia demonstrado tanto a possibilidade de reconstrução de partes orgânicas, a partir de espécimes conservados em Museus, quanto, principalmente, seu potencial para embasar toda uma Nova Era Industrial, a partir de elementos vivos da biosfera, das bactérias aos reinos vegetal e animal integrais, aí incluído o próprio homem (Volkmer-Ribeiro, 1994).

E passamos a testemunhar, da última década do século XX em diante, um novo surto de expedições predatórias, agora à biodiversidade dos países em desenvolvimento, desembocando em novos processos e ambientes (Museum Supporting Center da Smithsonian Institution em Washington, Bancos de Órgãos e Tecidos vegetais, animais e até humanos, devidamente etiquetados e catalogados) preservadores do material genético de espécimes (“protótipos” de novos produtos). Assiste-se à proposição de uma nova geração de patentes e direitos de uso (aí incluídas as reiteradas tentativas de patentear espécies naturais) instigadores de novas legislações de proteção e uso de coleções, particularmente nos países detentores de maiores biodiversidades (por exemplo, no Brasil, *Instituições Fiéis Depositárias do Patrimônio Genético*: Museu Nacional da Quinta da Boa Vista, RJ, Museu Goeldi, PA, Museu de Ciências Naturais da Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul). Numa última fronteira de preservação dos espécimes (e suas qualidades), é estimulada e financiada toda uma rede mundial de áreas de preservação (Museus “in natura”), mapeados, identificados e catalogados seus espécimes. Não sem propósito foi o país estimulado a organizar, no Rio de Janeiro, em junho, a ECO-92.

Mas, enfim, é toda uma espécie que se movimenta na direção de uma nova perspectiva de sobrevivência, com novos discursos e práticas mnemônicas.

### A MEMÓRIA REDENTORA?

A ambição moderna pela lembrança, como um dos primeiros dos seus “arqueologistas”, Walter Benjamin (1983/1999) a descreve, origina-se, entre as ruínas das tradições e a percepção da incerteza, como uma condição básica da vida no mundo capitalista. Para Benjamin, a necessidade existencial de lembrar é um produto colateral não tanto de capturar o tempo que se foi... como do tempo passando, o tempo de uma realidade que é um fluxo permanente (Brockmeir, 2002, p. 20).

As palavras de Brockmeir estão postas em seu artigo voltado ao exame da crise atual da memória coletiva, histórica e cultural do ocidente e seus reflexos na memória individual e na orientação dos processos de seleção da informação, seja para a codificação ou para a recuperação.

Ao focar a crise de memória sentida pelo homem atual e, segundo ele, revelada e tentativamente compensada por um número crescente de instituições museológicas e eventos perpetuadores, particularmente das memórias coletivas, o autor privilegia a narrativa como uma força integradora da memória cultural que irá tecer a nova malha em que se apoiarão as seleções dos novos propósitos e objetos mnemônicos.

Fecha-se, provisoriamente, aqui o círculo histórico de sobrevivência do homem que, preocupado mais uma vez com seu futuro e temeroso de esquecer o que garantiu sua permanência, não só no planeta, mas já agora no universo, continua examinando e instituindo novas teias de lembranças e seus respectivos objetos de apoio material.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BROCKMEIR, J. Remembering and Forgetting: Narrative as Cultural Memory. *Culture & Psychology*, Londres, v. 8, n. 1, p. 15-43, 2002.
- CASSIRER, Ernst. *Ensaio sobre o homem*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- DARWIN, Charles. *The origin of species*. New York: Penguin Books, 1968.
- FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- HENNIG, Willie. *Phylogenetic systematics*. Urbana: University of Illinois Press, 1966.
- MULLER, Werner. How was the metazoan threshold crossed: the hypothetical Urmetazoa. *Comparative Biochemistry and Physiology*, Londres, v. 129, p. 433-460, 2001.
- OLIVEIRA, Mario Nogueira de. A educação filosófica grega: uma herança. *Humanidades*, Brasília, v. 50, p. 134-148, 2003.
- PALACIOS, Fernando et alii. *Sesiones del primer Congreso Mundial y Comunicaciones sobre función y gestión de las colecciones de Historia Natural*. Madrid: Ministério de Cultura, v. 1, 1993.
- SAINT-HILAIRE, Auguste. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. São Paulo: Itatiaia, 1974.
- VOLKMER-RIBEIRO, Cecília. Uma nova economia mundial e os Museus de Historia Natural. *Folha da Natureza*, Porto Alegre, a. 4, n. 17, p. 2, 1994.